



Covas se explica, Maluf faz ameaça e Freire ataca terror

Debate de 3 candidatos não empolga

FLORIANÓPOLIS — Os candidatos à Presidência da República Mário Covas (PSDB), Paulo Maluf (PDS) e Roberto Freire (PCB) participaram ontem, nesta capital, do primeiro debate público da campanha às eleições de novembro, promovido pela Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc). Apesar da boa organização e da presença de 250 empresários de alguns dos maiores grupos do país, a ausência de Fernando Collor de Mello (PRN), Luís Inácio Lula da Silva (PT), Ulysses Guimarães (PMDB) e Leonel Brizola (PDT) tirou o brilho do evento, que teve momentos muito próximos da monotonia.

Depois de haver confirmado presença, Brizola comunicou que não poderia comparecer por causa de problemas de saúde de sua esposa, Dona Neuza, frustrando centenas de correligionários catarinenses, que instalaram *out doors* no caminho do aeroporto e tinham preparado cuidadosa recepção. Durante as exposições que precederam o debate, Covas, Maluf e Freire abordaram assuntos como o combate à corrupção, empreguismo e menos intervenção do estado na economia. Mário Covas foi o mais aplaudido pela plateia.

Terror — Roberto Freire soube da bomba que explodiu no aeroporto de Boa Vista (RR) durante a visita do candidato Collor de Mello, e defendeu "maior pressão contra a impunidade", exigindo que o estado descubra os responsáveis. Considerou que até a

posse do presidente eleito em 15 de novembro "o governo não terá qualquer sustentação popular para definir uma política econômica competente, já que não conseguiu fazê-la até agora".

Maluf irritou-se com uma repórter que desejava saber suas medidas para renegociar a dívida externa. "Vou colocar o dedo no nariz dos presidentes dos Estados Unidos e da Alemanha Ocidental e dizer-lhes que não pagaremos a dívida, pois por razões atávicas entendo muito de economia. O que o Brasil precisa é de um presidente macho", garantiu ele.

No debate, Maluf insistiu na sua origem árabe, ao dizer que governaria como um empresário: "E nós não fazemos maus negócios". Ao ser lembrado que nunca vencera uma eleição direta para cargo executivo, respondeu que ainda era o deputado mais votado da história do Brasil e assegurou que "muita gente se pergunta hoje se a nação não estaria melhor com Maluf", numa referência à derrota em 1985 para Tancredo Neves, no Colégio Eleitoral.

Mário Covas preferiu explicar por que sua candidatura ainda não havia ultrapassado os cinco pontos do Ibope. "Os resultados são uma fotografia do momento. E o que interessa é o 15 de novembro. A história recente está repleta de casos onde os candidatos que saem na frente perdem no momento decisivo".

O candidato do PSDB disse que espera, com o início do rário eleitoral gratuito, uma inversão deste quadro. "Pois é lógico que, aparecendo mais tempo na televisão até agora, Collor esteja na frente". Covas permaneceu até o final da tarde em Florianópolis, fazendo contatos políticos e abrindo o comitê supra-partidário de sua candidatura, enquanto Maluf recebeu correligionários no Hotel Castellar. Roberto Freire deixou a cidade no início da tarde.